

O Rorschach e a Revelação do Trabalho de Ligação e de Transformação do Interno e do Externo (*)

MARIA EMÍLIA MARQUES (**)

PEDRO ALEIXO (***)

1. A forma como a Psicologia Clínica encara a avaliação psicológica tem sofrido diversas modificações, que são, essencialmente, função da sua filiação e respectivos desenvolvimentos teóricos e metodológicos.

Assiste-se à emergência de novas *formulações teóricas* que procuram especificar e descriminar o funcionamento mental, estabelecendo a natureza e as características que melhor definem a maneira como cada sujeito vive e se vive na relação consigo próprio e com os outros. Pretende-se, também, clarificar e estabelecer quais os elementos que participam nos movimentos de adaptação e de criação psicológicos, ou aqueles que, por razões diversas, bloqueiam e conduzem à desadaptação, tenha ela uma expressão psicológica e/ou psico-social.

Todavia, nem sempre as novas formulações teóricas têm sido acompanhadas pelo desenvolvimento de metodologias ou instrumentos que permitam captar o essencial destes processos. Constata-se mesmo um grande divórcio entre

concepção do homem psicológico e abordagem do mesmo.

Os desenvolvimentos que ocorreram no *domínio* estritamente *metodológico* em Psicologia, nomeadamente na Psicologia Social e na Psicologia da Educação, conduziram a Psicologia Clínica a olhar para os instrumentos de que dispõe de uma forma extremamente crítica, havendo mesmo quem considere que os instrumentos habitualmente usados carecem de validade teórica e/ou metodológica. Criticam-se as formulações teóricas prévias que fundam os instrumentos mais clássicos e criticam-se também os procedimentos metodológicos utilizados para a recolha de dados, bem como a validação de alguns desses instrumentos.

As modificações que se têm operado nos últimos anos levam alguns a ter a tendência a considerar que os instrumentos que usamos em Psicologia Clínica são desadequados, obsoletos, mal fundados, mal construídos. Isto poderia conduzir a uma crise de identidade, que levaria a desdenhar e a abandonar aquilo que tradicionalmente tem constituído os meios de que dispomos para atingir o nosso objecto de estudo, e conduziria à procura de outras identidades e saber-fazer que gerassem menos polémica. Parece-nos, no entanto, que podemos considerar outros pontos de vista, para o que se impõe, então, explicitar alguns aspectos, de uma forma clara, para assim

(*) Comunicação apresentada na II Conferência Internacional «Avaliação Psicológica: Formas e Contextos», Braga, Maio de 1994.

(**) Psicóloga Clínica. Assistente, ISPA.

(***) Psicólogo Clínico. Assistente Estagiário, ISPA.

podermos rever, reajustar e redefinir objecto, objectivos e meios a usar em Psicologia Clínica.

2. O essencial, ainda que não o exclusivo, do trabalho em Psicologia Clínica consiste em explicitar, para fins vários, aquilo que caracteriza o ser psicológico. Para tal, é essencial possuir um sólido e claro *quadro de referência teórico* que confira sentido ao que observamos, bem como um conjunto de *estratégias*, também claramente definidas, que permitam aceder ao conhecimento que se persegue. Estes dois elementos obrigam a uma *convergência e coerência* inequívocas.

Captar e revelar o ser psicológico que é o nosso objecto de estudo, obriga a que se elabore sobre ele um discurso que vai *além e além* do próprio discurso que o sujeito produz. Isto é, o discurso que iremos produzir tem como ponto de partida o discurso do sujeito em três expressões: *o momento* em que ele é produzido, *o antes* da sua própria produção e *aquilo a que reenvia*. Cumpre-nos a nós reunir estes três momentos num único. *A avaliação psicológica*, concebida desta forma, *reúne princípio, meio e fim de um discurso, que é também uma história que teve início algures, que conduz a algures e que se revela no momento da avaliação. O discurso que nós produzimos, nunca coincidindo com o discurso do sujeito, encontra-o, reelabora-o, recria-o, em síntese, dá-lhe sentido, sentido este que só uma teoria clara poderá consubstanciar.*

A avaliação psicológica é então a *atribuição de sentido*, sentido fundado *na e pela interpretação*: interpretação que sendo um ponto de chegada é também um ponto de partida. Operar um trabalho de constituição e construção de sentido, obriga ao recurso a concepções teóricas, estratégias e metodologias que valorizem e expressem o percurso que o sujeito trilha: *o entre aquilo que ele é na sua essência, como ele usa esse ser e a que é que conduz a concretização desse ser.*

Captar e revelar o ser psicológico, que é o objecto fundamental da Psicologia Clínica, obriga, assim, a três atitudes fundamentais: *dar sentido, reflectir* sobre a essência e as consequências intra e inter-sujeito(s) de qualquer acto e, finalmente, *abster-se* de qualquer julgamento. Tal posicionamento leva-nos a considerar que qualquer comparação de um ser individual com um grupo de referência será de evitar, caso se constitua

como um exercício que conduz à anulação da individualidade, já que ao destacarem-se os elementos que são comuns a outros indivíduos, negligenciam-se os elementos que são singulares, os quais passam, necessariamente, para o plano da não significação. A comparação com um grupo de referência só poderá ser considerada se esse grupo de referência for encarado não numa lógica de adjectivação, de categorização, mas sim numa lógica de intersecção sempre mutável. Devem ser tidas em conta sobretudo as dimensões inscritas numa lógica dinâmica de *funcionamento individual*. A melhor maneira de se usar a comparação com um grupo de referência tem de ser obrigatoriamente organizada à volta de *um ser que sendo, possuindo uma essência, lhe dá expressão, significação, projecção*. Encontramos nesta formulação uma lógica próxima da que é defendida por Winnicott (1971/1975) quando explicita a natureza da relação com a realidade objectiva que é mediatisada, recriada, reinventada, mas também fundada na realidade interna. Mais do que saber se um comportamento ou uma atitude visível pode sofrer uma qualquer designação, cumpre-nos identificar *o sentido que tal atitude ou comportamento tem para o sujeito que o produz.*

O sentido mais profundo contido em qualquer acto (pensamento ou acção) tem sempre implícito um destino, que só dificilmente pode ser visto numa lógica de destruição – destruição do sujeito ou do sentido. Qualquer acto, por mais aparatoso que possa parecer, pode ser encarado como tendo valor adaptativo, uma espécie de grito, talvez último, possuidor de um sentido que tem de ser esclarecido; sentido a ser encontrado no próprio sujeito. A nossa leitura sobre o seu carácter inaugura um espaço, talvez não negociável, entre o sentido do próprio e o sentido que lhe conferimos. Pode-se inaugurar aqui o espaço da categorização, eventualmente da estigmatização. Não deve a Psicologia Clínica, enquanto *saber e ciência* do comportamento, determinar aquilo que sendo comum é suportável, e aquilo que sendo desviante, deve ser corrigido, reabilitado. *A natureza primeira do saber e do conhecimento em Psicologia Clínica é a de conferir sentido, com abstenção absoluta de julgamento, de identificação do comum e do não comum, é o de expressar o que de mais íntimo rege*

a lógica de cada ser. A intervenção, essa sim, é regida por outras leis.

3. É com base nestes princípios que podemos agora proceder à explicitação da forma como o Rorschach pode ser utilizado em Psicologia Clínica, não só como um instrumento que visa o estabelecimento de um diagnóstico, nosográfico ou psicológico, mas também, e sobretudo, como um *instrumento que expressa e revela o espaço da mediação, ligação, transformação e recriação entre o que é interno e externo, entre o que é presente e passado e o que é presente e futuro.*

Existe uma grande tradição dentro da Psicologia Clínica em estabelecer uma assimilação entre sintoma ou comportamento externo e sinal num teste. Esta metodologia funda-se no critério previamente definido de frequência da ocorrência que, ao estar presente, implica o seu assinalamento. Estabelecer o diagnóstico é então, numa lógica de comparação/emparelhamento, partir daquilo que está previamente definido como conduta externa e submeter esses sinais a procedimentos de «medida», reagrupando, pela categorização e assinalamento, os elementos comuns a outras dimensões, também elas sinalizadas.

Parece-nos, todavia, que se podem usar outras atitudes e formas de proceder, quanto aos instrumentos, na teoria e metodologia em Psicologia Clínica. Explicitamos essa lógica usando-a no Rorschach, enquanto técnica mas sobretudo como método (Marques, 1992; Marques, 1993; Marques & Aleixo, 1993).

O Rorschach é por nós concebido como facilitador de um processo que é um *aquém* e um *além* que é necessário *ligar*, para poder ser criado um *novo objecto*, um objecto com características, ao mesmo tempo, do mundo interno e do mundo externo. O Rorschach permite revelar o percurso que sustém o trabalho de ligação, transformação e recriação, percurso a ser entendido como o actual e potencial, que, ao ser solicitado através de características diferentes das habituais, obriga a uma actualização e realização que são também passado e futuro. Dito de outra maneira, este percurso deve ser entendido numa lógica de semelhança relativa com a organização do mundo interno no seu presente imediato, mas também deve ser entendido numa lógica de semelhança, também relativa, com o espaço e o

tempo que estruturam e revelam a natureza das ligações, mas também das desligações, entre os objectos internos e entre os objectos internos e externos. O resultado será sempre o compromisso possível, partilhando características de uns e outros.

A resposta Rorschach contém sempre o *compromisso* possível *entre* o que de mais significativo ordena e rege o mundo interno do sujeito que a produz e aquilo que de mais significativo, também, ele retém das características do mundo externo (interpretar o Rorschach, contexto em que ocorre a recolha...)

O Rorschach não deve, então, ser encarado como um produto assimilável a um conjunto de signos fechados, mas sim como um conjunto de signos que fluem no tempo e espaço internos, e que ao ligarem-se ao tempo e espaço externos, se constituem como uma pluralidade de significação.

O discurso produzido no Rorschach pode então ser entendido não como um estado a que se chegou, mas como um processo, isto é, como tendo tido origem algures, e abrindo uma imensidão de sentidos para o próprio sujeito, e para aquele que interpreta. O sujeito envolve-se num trabalho de produção de significados e o nosso trabalho terá também, necessariamente, que passar por um processo de desconstrução desses mesmos significados, para levar à construção de novas significações.

Não há uma estabilidade de sentido, há sim um *espaço a ser explorado pela interpretação, sempre sustentada por formulações teóricas precisas*, de modo a descobrir o *inter-dito* (e o *interdito*), que se revela nas sucessivas passagens, nas várias respostas Rorschach formuladas, mas que é também o *intra-dito*, de vários *um entre dois*: entre sujeito e mancha, entre sujeito e Psicólogo, entre Psicólogo e mancha, etc.

Quando um sujeito se confronta com a situação Rorschach, com tudo aquilo que ela contém – contexto em que a recolha é feita, razões conscientes e inconscientes para essa recolha, natureza e características perceptivas do material, pedido que é dirigido ao sujeito para dizer o que é que as manchas poderão ser –, desencadeia-se um conjunto de processos que terão de conduzir obrigatoriamente à figuração, à nomeação, à imagem Rorschach, à resposta Rorschach. Este processo psicológico obriga e revela

uma ordenação a operar num confronto entre interno e externo, entre mancha, contexto e sujeito. Esta ordenação contém a marca do sentido que foi possível conferir, sentido que é só uma parte, a possível e desejável, de uma significação muito mais ampla. Esta ordenação é um compromisso que opera no múltiplo da significação, e que conduz à sua redução a uma expressão simples, mas saturada de sentido, que abre as vias, ou as fecha, para novas significações.

Analisar um Rorschach é, então, permitir-se ir além daquilo que é dito, ou melhor, saber aquilo que operou *entre* e *inter* o dito. Talvez esteja neste algures uma significação tanto ou ainda mais importante do que aquela que se evidencia, é neste espaço e neste tempo que está a *individualidade* e a *singularidade*. Aceder à singularidade é poder revelar aquilo que podendo parecer insignificante, desprezível, talvez seja a essência do acesso ao individual. O caminho a trilhar é o da descoberta da singularidade e da *insignificância*.

4. Usar o Rorschach na procura da singularidade, é aceder ao *processo*, a como *sujeito utiliza aquilo que é no confronto com aquilo que sendo novo, desconhecido, implica a mobilização desse ser-essência que se recria, realiza e estabelece novas realidades*. O Rorschach, além de expressar o compromisso a que o sujeito chegou, possibilita a revelação das estratégias que conduzem a tal compromisso. Conhecer um ser psicológico é saber a forma como ele utiliza, ver exponencia, ou então, bloqueia ou desertifica face a novos desafios.

O trabalho em Psicologia Clínica consiste em conhecer aquilo que de essencial é um sujeito confrontado consigo, com o seu mundo interno e/ou com o Outro, com o seu mundo externo. Cumpre-nos identificar o peso relativo dos mundos interno e externo, mas sobretudo as capacidades evidenciadas pelo sujeito em ligar, transformar, criar e recriar um e outro.

BIBLIOGRAFIA

- Marques, M.E. (1993). O Rorschach como Processo de Transformação da Percepção à Imagem: Para uma Caracterização do Processo-Resposta Rorschach. Comunicação apresentada no XIV Congresso Internacional de Rorschach, Lisboa. A publicar in *Proceeding Book* do Congresso.
- Marques, M.E. (no prelo). Do Desejo de Saber ao Saber do Desejo. Contributos para a Caracterização da Situação Projectiva. Comunicação apresentada no Colóquio «Relação Terapêutica», ISPA, Lisboa, 1992. A publicar in *Análise Psicológica* (presente número).
- Marques, M.E. & Alcixo, P. (1993). O Processo-Resposta Rorschach e a Simetria: Entre as Ligações e as Desligações. Comunicação apresentada no XIV Congresso Internacional de Rorschach, Lisboa. A publicar in *Proceeding Book* do Congresso.
- Winnicott, D.W. (1971/1975). *Jeu et Réalité*. Paris: Gallimard.

RESUMO

A atitude e os procedimentos a usar na avaliação psicológica devem ser fundados na procura das características do funcionamento mental individual, singular e singularizante. Mais do que estabelecer critérios que procuram situar um sujeito face a um grupo de referência, interessa explicitar critérios que permitam o acesso à singularidade.

O Rorschach, concebido como um instrumento que obriga e expressa um trabalho de ligação entre a realidade interna do sujeito e a realidade externa sempre subjectivamente percebida, permite aceder à compreensão e conhecimento do ser psicológico do sujeito.

ABSTRACT

The attitude and proceeding that should preside psychological assessment, should be based on the search for the singular and singularizing characteristics of the individuals' mental functioning. More than determining criteria that position the individual with respect to his group of reference, we are interested in expliciting criteria that provide access to that which is singular.

The Rorschach is conceived as an instrument that implells and expresses the link between the subjects' internal reality and the external reality, per se always subjectively perceived, providing access to the comprehension and know-how into the subjects' psychological being.